

O SONHO FATÍDICO. (ÉSQUILO *COÉFORAS*, 526-539)

JAA TORRANO

Na *stykhomythía* (C. 526-39) entre Orestes e o coro, constrói-se uma interpretação comum a ambos, Orestes e o coro, do sonho de Clitemnestra. Essa interpretação comum, construída com tanta destreza, na rápida seqüência em que alternam as vozes a cada verso, implica que se compartilhe da hermenêutica dos sinais numinosos.

Mediante suas interrogações e as respostas do coro, Orestes constrói a interpretação do sono de Clitemnestra ao mesmo tempo que logra persuadir o coro e a si mesmo da completa verdade de sua interpretação.

Essa hermenêutica dos sinais numinosos praticada por Orestes se desdobra com o movimento próprio da dialética trágica em que se confundem e se distinguem os diversos pontos de vista, a saber: o dos Deuses, o do destino, o do herói e o dos homens. O ponto de vista divino se manifesta no sonho mesmo entendido como manifestação do Deus Apolo, nessas circunstâncias *ad hoc* mencionado como o “Adivinho de sonhos” (*oneirómantis*, C. 33).

O ponto de vista do destino se manifesta na previsibilidade ominosa e terrífica do curso dos acontecimentos que implicam conturbado convívio de Deuses e de heróis.

Durante a conjuração dos irmãos órfãos e de seus aliados, o ponto dos homens em seu horizonte político se manifesta na percepção do caráter extraordinário dessas circunstâncias nas quais os critérios habituais ficam comprometidos.

O que leva a rainha a fazer, anos após o homicídio, oferendas fúnebres a quem ela matou? Orestes ressalta a desproporção entre as dádivas (*dôra*) e o delito (*hamartías*, C.519).

A razão de a rainha agir assim é um sonho terrível que, tal o pavor, a despertou, à rainha e aos servos do palácio, no meio da noite. No párodo (C. 39), esse sonho é mencionado, não como um sonho, mas como uma terrível irrupção epifânica do Adivinho de sonho, que dá pavor à rainha e garantias aos intérpretes do sonho, cujo sentido geral estes assim anunciam:

“(...) os íferos irados repreendem
 “os que mataram e lhes têm rancor.”
 (C.40-1)

Com as oferendas fúnebres, a rainha quer aplacar, se puder, a insatisfação e o rancor dos íferos. Com o sonho terrível, o Adivinho de sonhos revelou à rainha a sombria ameaça armada contra ela.

Feitas as honras do túmulo paterno, é chegado para Orestes o momento de perguntar pelas razões do comportamento paradoxal da rainha e assim pelo conteúdo do sonho. Relata-o com rápida concisão a *stykhomythía* em que Orestes pergunta e o corifeu responde, até a constatação, feita por Orestes, de que a visão do sonho é verdadeira:

“Soubeste do sonho de modo a contá-lo exato ?
 “Pareceu-lhe parir serpente, ela mesma fala.
 “E aonde vai terminar e concluir a fala ?
 “Atou com faixas como a uma criança.
 “E que nutria o recém-nado monstro ?
 “Ela mesma lhe deu o seio no sonho.
 “E como ficou ileso o úbere sob o horror ?
 “Sorveram-se com leite coágulos de sangue.
 “Esta visão não lhe poderia vir em vão.”
 (C. 526-39)

No imaginário grego, a figura da serpente tem um sentido ctônico; assim o morto, em sua condição de herói, quando invocado ou interpelado, comumente se manifesta sob a forma de serpente. (A esse respeito, ao descrever

“the hero as snake”, Jane Ellen Harrison, em seus *Prolegomena to the Study of Greek Religion*, dá alguns importantes elementos da documentação histórica e arqueológica.)

Dentro da previsível interpretação aberta por esse imaginário, a visão do sonho é uma veemente manifestação da insatisfação e rancor dos que estão sob a terra, contra os que mataram.

“Os que estão sob a terra” (a saber, os Deuses e Numes íferos e o morto) manifestam sua disposição, para com os que mataram, na figura da serpente recém-nascida que sangra o útero de sua nutriz, a rainha.

O esperado, pois, é entender que a serpente que se mostra no sonho da rainha seja o rei morto e/ou os Deuses e Numes íferos.

A interpretação do sonho proposta por Orestes adquire um caráter pragmático, quando, ao explicar o sonho, identifica a figura da serpente recém-nascida envolta em faixas não com “os que estão sob a terra”, mas com Orestes.

Essa identificação da serpente com Orestes supõe que em Orestes se manifesta o rancor do morto e dos Deuses e Numes íferos.

Esse entendimento faz da figura ctônica da serpente descrita nesse relato do sonho um sinal numinoso: um sinal com que Deuses e Numes íferos e o morto, ainda há pouco invocados e interpelados, respondem positivamente ao pedido formulado nas preces, o pedido de amparo e auxílio na execução da vindicta.

O sinal numinoso, que se configura para Orestes nesse relato do sonho, fortalece-o, tanto em sua determinação de agir, quanto junto aos que se associam à sua proeza. Por esse sinal numinoso e pela interpretação que Orestes fez dele, o corifeu declara-o *teraskópon*, “perito em prodígio” (C. 551) no que se refere a essa revelação do “Adivinho de sonhos” (*oneirómantis*, C. 33). Com o reconhecimento dessa competência de “perito em prodígio”, o corifeu pede a Orestes que explique (*exegoû*, C. 552), aos amigos associados à sua proeza, as diversas formas de cada um participar da ação:

“que hão de fazer estes e não aqueles?”
(*toûs mén ti poieîn, toûs dê mé ti drân légon*
C. 553).

A palavra oracular de Apolo, que Orestes traz consigo, proclama uma sentença de morte contra “os matadores do honrado” (e também um outra sentença de morte, contra Orestes, caso negligencie o cuidado da palavra oracular, C. 269-305).

A formulação da sentença de morte contra “os matadores do honrado” surpreende pela exigência de dolo na execução da vindicta. Essa surpresa está expressa no aposto com que Orestes explica quem é esse Lóxias que dá a sentença de morte mediante dolo:

“com dolo sejam pegos e no mesmo laço
 “morram como também proclamou Lóxias,
 “rei Apolo, adivinho sem mentira antes.”
 (C. 557)

O dolo (*dóloi*) é uma forma de mentira (*Pseudéa*, “Mentiras”, e *Apáte*, “Engano”, filhos da Noite, pertencem ao mesmo catálogo, na *Teogonia* de Hesíodo); e se essa sentença é de Lóxias, “rei Apolo”, deste se pode dizer “adivinho sem mentira, antes” (*mántis apseudés tò prín*, C. 559).

O planejamento da ação, proposto por Orestes, é por sua vez uma interpretação pragmática da palavra oracular de Apolo, que a compreende de modo a viabilizar os meios próprios e adequados à ação proposta. O plano, concebido com essa hermenêutica pragmática consiste em apresentarem-se Orestes e Pílates no palácio sob o disfarce de viajantes fócios, hóspedes e aliados tradicionais do palácio; quanto a Electra, manter-se alerta no palácio, a velar por que se dê o que se articulou; quanto às coéforas, “conservar a língua propícia, calar onde se deve e dizer o oportuno” (C. 580-1); quanto ao herói, entre os inferos, “que venha e vigie”.

As possibilidades de êxito feliz na consumação do plano desde já se devem à interpretação correta do sinal numinoso e da palavra oracular apolínea. A reconhecida competência de “perito em prodígio” por si mesma desde já dá a Orestes o crédito da afinidade com o Deus e participação nele.

Universidade de São Paulo

BIBLIOGRAFIA

- Garvie, A. F. (Ed.) (1986) *Aeschylus. Choephoroi. With introduction and commentary*, Oxford.
- Harrison, J. E. (1991) (1a. ed. 1903 Cambridge) *Prolegomena to the Study of Greek Religion*, Princeton.

INFORME

Este texto faz parte de trabalho ainda inédito intitulado *Herói e Honras Heróicas*.